

## Editorial

Concluimos o primeiro trimestre do ano com grande êxito, mas também lançamos imenso desafio. Em 25 de março, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) apresentou, em São Paulo, as diretrizes gerais da proposta com as contribuições do setor agropecuário nacional que será entregue aos candidatos à Presidência da República após as convenções partidárias que apontarão os concorrentes ao Planalto. O documento, finalizado no seminário nacional "O que esperamos do próximo presidente", contém os principais problemas e as propostas para ajudar a sanar as dificuldades enfrentadas pelo setor em seis temas. São eles: insegurança jurídica, meio ambiente, logística, política agrícola, processo tecnológico e responsabilidade social. A proposta resulta das discussões promovidas pela CNA juntamente com as Federações da Agricultura e Sindicatos Rurais do país em cinco edições regionais do seminário. O Sistema Farsul participou do preparo da pauta em 18 de março, em Curitiba. No encontro, participaram 27 dirigentes e técnicos do Sistema Farsul. Como destacou a presidente da CNA, senadora Kátia Abreu, na conclusão dos trabalhos, em SP, "a intenção é cooperar com o plano de governo de todos os candidatos para que a agropecuária esteja em consonância com a realidade". Dessa forma, nossa líder da agropecuária foi além e ao encontro do que pregamos no Sistema Farsul já há três eleições com a realização dos Palanques Eleitorais. A senadora defende que nos períodos eleitorais o setor possa discutir propostas para apresentá-las não apenas aos candidatos à Presidência, mas também a todos que buscam uma vaga nos governos estaduais e legislativos. Através do Palanque Eleitoral, a ser realizado no Interior gaúcho dentro em breve, estaremos divulgando esse trabalho levantado pela CNA como também daremos oportunidade aos candidatos do RS se manifestarem publicamente sobre sua plataforma de governo e, com isso, assumirem compromissos, e metas elencadas, como essenciais ao setor primário.

Entre os pontos prioritários a considerarmos está a insegurança jurídica diante das descabíveis invasões de terra e atos de vandalismo promovidos por movimentos sociais e, da publicação e edição de normas que ferem o direito de propriedade. Nos parece como crucial a resposta dessa pauta e, o destaque que terá em qualquer projeto de governo, para analisarmos e escolhermos os candidatos que melhor representarão os ideais do homem do campo. Lembrem-se: a agropecuária representa um terço do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, um terço dos empregos gerados no país e 40% das exportações brasileiras. Em reunião do conselho de representantes da Farsul, neste mês, vamos definir o calendário dos Palanques Eleitorais.

## Flores de Dracena

Blau Souza\*

Sempre é bom ir a Bagé e gastar algum tempo revendo casario, praças, colégios, monumentos e outros pontos que fizeram parte do meu dia-dia num tempo que já vai longe. Desta vez, visitei a Praça de Esportes e fiquei dividido entre o que surgiu de novo e o que já existia quando fui aluno do Auxiliadora. Ela está bonita, pronta para ser usada e com dois monumentos novos. Há um que festeja motos na terra dos cavalos; convivência pacífica, pois tanto as motos quanto os cavalos evocam a liberdade e muito representam na eterna busca do quase perfeito em forma e função. Mas é o professor Frederico Petrucci que eu quero homenagear através de três lembranças surgidas diante de seu monumento. De início, confesso certa decepção ao verificar que apenas a cabeça do mestre está representada. Isso frustrou minha curiosidade de verificar o estado do lenço no bolso superior esquerdo do casaco do professor. Bobagem? Talvez, mas há coisas que nos impressionam na juventude e ficam para sempre. O lenço do professor Petrucci, como os demais, servia para assuar o nariz e até era bastante utilizado. Mas o que encantava eram os movimentos do mestre, após a higiene, ao rearranjar o lenço e devolvê-lo ao bolso com uma elegância sóbria, sem afetação. Quando se esperava que o lenço tivesse virado um molambo, ele o repunha no bolso, melhor do que antes, enquanto continuava a falar sobre geografia e problemas

brasileiros. Na segunda memória, estou envolvido e jamais esquecerei. O professor Petrucci não era um disciplinador, nem concordava com lições decoradas, premiações discutíveis e noções preconceituosas; preferia que os jovens aprendessem a raciocinar. Eu era bom aluno e não entendia por que suas notas de avaliação eram quase iguais para todos. Uma vez por mês, o tempo de uma aula era destinado àqueles que quisessem melhorar suas notas: deveriam escrever sobre a matéria. Ele dava o tema e ficava lendo o Correio do Sul ou algum

**Quando Euclides da Cunha tomou a palavra era grande a curiosidade, pois a ninguém passara despercebida a ausência da nossa bandeira. Foi então que Euclides da Cunha agradeceu aos organizadores da festa, pelo tratamento que tinham dispensado ao Brasil.**

livro, enquanto a gurizada escrevia recorrendo a colas óbvias como o próprio livro aberto sob a escrivania. Numa dessas ocasiões, eu também resolvi colar e devo ter sido muito explícito no que fazia. Tenso, cara vermelha, orelhas pulsando, vi que o mestre notara minha conduta e que a desaprovação estava naquele olhar mais prolongado. Compreendi a mensagem: não entreguei a prova. Minha nota não foi melhorada e a lição foi inesquecível. Sem uma única palavra. A terceira lembrança evoca uma das muitas histórias que ele contava. Seu encantamento contaminava os alunos ao falar de passagem da diplomacia bra-

sileira dos tempos do barão de Rio Branco e vivida por Euclides da Cunha, cujo centenário de morte recém foi comemorado. Estavam sendo definidos os limites do Brasil com o Peru e o ambiente era tenso em plena selva amazônica. Os embates entre Euclides da Cunha, chefe da delegação brasileira, e o comandante Bonanos, principal delegado peruano, eram freqüentes e foram imortalizados por Coelho Neto. Mas foi o ato solene de encerramento das conversações, num barracão em plena selva, que impressionou o professor Petrucci. Estavam presentes autoridades e diplomatas de várias nacionalidades e o barracão fora enfeitado com as bandeiras de todos os países sul-americanos, com exceção do Brasil. Era mais uma das impertinências e pequenas hostilidades que dificultavam a ação dos nossos diplomatas. Quando Euclides da Cunha tomou a palavra era grande a curiosidade, pois a ninguém passara despercebida a ausência da nossa bandeira. Foi então que Euclides da Cunha agradeceu aos organizadores da festa, pelo tratamento que tinham dispensado ao Brasil. Contemplando as paredes enfeitadas com bandeiras, ele se enchera de satisfação ao verificar que ao Brasil fora reservada uma homenagem muito especial. Pois tinham destinado o centro da mesa, o lugar mais nobre, para exibir as cores da bandeira brasileira. E lá estavam belíssimos arranjos naturais verde-amarelos, todos com flores de Dracena.

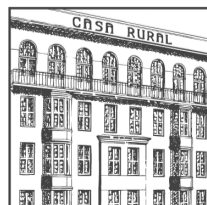
\* Médico e escritor

## EXPEDIENTE

## SISTEMA FARSUL

Federação da Agricultura  
do Rio Grande do Sul

Rio Grande do Sul

CASA RURAL  
CENTRO DO AGRONEGOCIO

**FARSUL**  
Presidente:  
Carlos Rivaci Sperotto  
Vice-presidente:  
Gedeão Silveira Pereira  
Diretor Administrativo:  
Francisco Lineu Schardong  
Diretor Financeiro:  
Jorge Rodrigues

**SENAR-RS**  
Presidente:  
Carlos Rivaci Sperotto  
Superintendente Interino:  
Carlos Alberto Schütz  
Div. Administração e Finanças  
Carlos Alberto Schütz  
Divisão Técnica:  
Taylor Favero Guedes  
Div. Planejamento e Projetos  
Saulo Gomes

**JORNAL SUL RURAL**  
Diretor: Décio Rosa Marimon  
Jornalista responsável:  
Luciana Bueno (MTb/RS 8.508)  
Fotos: Fabrício Barreto, Luiz Ávila,  
Tiago Francisco e arquivo  
Colaboração: Alessandra Bergmann  
e Tiago Francisco  
Circulação Mensal  
Tiragem: 35.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400  
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90050-390